**Pe. Berthier, Fundador dos MSF**

Na origem de uma fundação, há geralmente aquilo que se chama “um carisma” do fundador: é uma graça dada a ele do Espírito Santo quem rege o Corpo de Cristo e lo conduz ao seu cumprimento. Alguns preservam o nome do carisma e das fundações verdadeiramente características como as grandes Ordens religiosas ou as Congregações recentes como os Pequenos Irmãos de Foucauld.

O quanto seja, também se alguém negasse ao Venerável Padre Berthier um verdadeiro carisma de Fundador, não teria dúvida que possuia o carisma do apostolado, e este carisma bastaria para explicar a origem da sua obra.

Foi dito do Venerável Pe. Berthier que ele era o gênio do Apostolado. Não será mais necessário provar. Que ele prega, que esorta, que escreve livros, que inicia obras, é sempre num objetivo pastoral.

Com o chamado repetido de Leão XIII en favor das missões estrangeiras, particularmente a Encíclica *Sancta Dei civitas* (1880) e a carta apostólica *Praeclara gratulationis* (1894), a realização deste projeto tornou-se uma paixão.

**1. La Salette e a origem da obra**

A atividade apostólica de Pe. Berthier conheceu uma reviravolta inegável. *“Os trabalhos e as missões* ” não foram apresentados a ele ao modo como ele tinha sonhado. Próprio aqui se encontra a graça especial que se pode chamar a “*sua conversão apostólica*”. Mas deixemos ele falar: *“Quando a humilde Congregação dos Missionários da Salette acolheu algumas crianças, na esperança de tê-las para sempre, não fez outra coisa que seguir as tradições de séculos de fé, o ensinamento dos grandes doutores católicos, e imitar aquilo que se pratica, cada dia, com resultados melhores, em grande número das congregações mais recentes. Fazendo isso crêem estar entrando nas intenções da Virgem, que em La Salette, se serviu de dois jovens para “****comunicar a todo o seu povo as suas lições e mostrar suas lágrimas****”.* 5 Anais, agosto 1876, p. 611). Aquilo que merece ser fortemente sublinhado neste texto é o modo próprio de ele compreender a mensagem da Salette. Segundo ele, o mandato da Virgem “ **Muito** **Bem, minhas crianças, transmitam isso a todo o meu Povo**” continua a endereçar-se às crianças, essa multidão de “*Maximino e Melânia*” que esperam nas encruzilhadas da vida que alguém possa assumir-lhes para a vinha do Senhor. *Maria, ele escreveu, queria estabelecer no alto da montanha um lar (focolare) do apostolado!”*.

Na montanha da Salette, o venerável Pe. Berthier descobriu um segredo apostólico novo, um meio de ser apóstolo com uma potência dez vezes maior. Durante toda a sua vida missionária, foi de fato, um apóstolo infatigável de Nossa Senhora da Salette.

É fácil entender porque ele sempre teve uma profunda devoção à Nossa Senhora de La Salette: a Ela ele devia a orientação de sua vida e da sua atividade apostólica.

Tem mais significado. A graça recebida em La Salette é uma graça não só pessoal, mas concedida ao proveito da obra que ele estava para fundar sob o impulso dessa graça. Pedir aos seus discípulos para que recordassem, é antes de tudo, uma forma de ação de graças por este dom de origem sobrenatural que foi o nascimento de um Instituto Religioso na Igreja. Evocar a memória de N.S. da Salette não haveria nenhum sentido para além dessa ação de graças, por este grande dom recebido do Pai. Por outro lado, fazer memória da sua origem, significa para uma fundação, voltar a nascente da fonte, mergulhar na água límpida do espírito evangélico do qual nasceu, e ver se há conservado a sua dinâmica original.

Não se deve então, exaltar que a memória salettina tenha sido da vontade do fundador como “constitutiva” da memória dos seus discípulos. (Cf*. La Vie et l’Esprit du P. Berthier*, J.M. De Lombaerde, p. 272).

**2- Obra ou Instituto religioso?**

Para se ter uma ideia precisa sobre o pensamento do Pe. Berthier referente a sua fundação, devemos ler as primeiras constituições. Ora, à leitura se põe a questão: o venerável Jean Berthier quis fundar um Instituto religioso ou uma obra? De fato, em alguns números das primeiras Constituições, ele fala fluidamente do Instituto e da obra como duas coisas distintas. Não é raro ver ele usar a palavra obra quando fala do Instituto como tal. Tomamos dois exemplos concretos, nos números 17 e 18 das primeiras Constituições que não cito aqui.

No número **17, Instituto e obras são bem distintos**, e Padre Jean Berthier pede aos membros do Instituto rezar pelo desenvolvimento da obra. O primeiro vem apresentado como um ator e a segunda como o destinatário, o objeto da ação dos membros do Instituto. No número 18, ao contrário, **obra e instituto parecem haver o mesmo significado nas expressões**: “*o primeiro objetivo da obra*” e “*o objetivo principal do Instituto*”. Estas são as duas expressões que o Pe. Berthier utilizava para falar da sua fundação, das quais a distinção não foi e não é muito fácil.

Penso que esta situação se explique pelo fato que no primeiro tempo, ele queria realizar essa obra no âmbito interno do seu Instituto. Mas em seguida, o seu Protetor lhe encorajou a realizar o seu projeto de maneira independente. Esta reviravolta acontece em 1903, com a súplica endereçada ao Papa Leão XIII, na qual o Pe. Jean Berthier lhe perguntou sobre o como fazer reconhecer a obra como “*um Instituto regular dependente diretamente da Sagrada Congregação da Propagação da Fé*”? Em seguida, após o Decretum Laudis de 1911, que reconheceu oficialmente a fundação, a expressão “obra” desaparece progressivamente e a partir de então se passa a falar de Instituto religioso ou de congregação religiosa.

**3- Um Instituto das vocações tardias para as missões**

Mas desde o início da fundação, nos parece que as preocupações maiores do venerável Padre Jean Berthier foram sempre claras. Duas ideias fortes se deduzem nos passos principais das primeiras Constituições: **a multiplicação das vocações apostólicas e as missões:**

*“As fundações, ele escreve, se têm um outro objetivo que as escolas e as próprias missões, muitas vezes acolhem e aproveitam os sujeitos de um instituto, longe de serem procurados por eles. É uma fonte fecunda, antes são as fontes numerosas das quais tem necessidade as congregações que querem extender longe os seus ramos para a glória de Deus. Essas fontes são os alunados ou as escolas apostólicas. Para alimentar-lhes é necessário ter todo o zelo, se se quer fazer um grande bem nas missões… Mas se, as escolas apóstólicas são a esperança das missões, não tem algum meio mais eficaz para exercitar a dedicação às missões mesmas, seja criando recursos, seja enviando a eles bons sujeitos, seja rezando por eles”.*

O venerável Jean Berthier pede então aos seus missionários de ter, antes de tudo, a preocupação de multiplicar e de acompanhar as vocações missionárias, e isso em meio das atividades apostólicas. Jean Berthier fala pouco das dificuldades do início, é contente em dizer que “os primeiros anos foram os menos felizes”. Da parte sua Dom Van de Ven, o então Bispo de Bois-le-Duc admite: “*após ter visto isso que o Padre Berthier realizou, não direi jamais que alguma coisa seja impossível nesse mundo*”. A cronologia das páginas seguintes nos dão uma certa ideia dos princiapais problemas que devia enfrentar com coragem, inteligência e resignação até chegar aos primeiros frutos.

As deserções, a pobreza, a falta de formadores, a recolocação da questão da fundação: são os principais problemas enfrentados nos primeiros anos. Mas graças ao empenho determinante de dois coirmãos Saletinos, os Padres Patarin de 1898 a 1901 e Pons de 1901 a 1905 e a ajuda fraterna dos estudantes, a obra crescia pouco a pouco. A isso se acrescenta o problema sério da comunicação porque desde o início, o nosso venerável Jean Berthier queria que a sua obra fosse acessível aos jovens de diversas nacionalidades. Destacamos que antes da sua morte, os primeiros 25 sacerdotes: 15 eram alemâes, 6 franceses, 3 holandeses e 1 belga. Isso demonstra bemque a maior parte do Instituto è alemã, ainda que não se falasse a língua deles.

Para favorecer a comunicação, o fundador recomendava a eles: “aqueles que não se esforçam em ajudar os seus conpatriotas a aprender a língua da casa, são sem caridade”. Isso significa que o contato com os seus formandos foi algo muito difícil, porque se devia dirigir a um intermediário. Um dos primeiros sacerdotes, o Padre Auguste Stolz atribuiia o número das deserções do início a este problema de comunicação. Ele afirmou:

“*Creio que ele havia admitido muito facilmente os candidatos . Foram tantas dificuldades a superar. Entre essas, uma das mais sérias consistia, sem dúvida, que ele não dominasse a língua alemã e que foi sempre obrigado a remeter-se ao juízo de um terceiro para poder ter a opinião sobre os formandos alemães. A natureza e o caráter alemão eram pouco conhecidos por ele, de modo qu era excluído um contato profundo e pessoal que teria possibilitado uma explicação mútua e evantuais reflexões. Isso poderia ser uma das causas que quase todos os formandos dos primeiros anos foram demitidos ou que tenham partido eles mesmos. Ao meu ingresso, no outono de 1896, permaneceram somente três”.*

Por antecipação, o fundador põe igualmente em atenção os seus futuros missionários contra o **nacionalismo**, que era muito forte nos anos 1900 e que podia causar danos irreparáveis, se não estivesse atento:

*“E à Sagrada Família, ele escreveu, que devemos à caridade cordial que reina na nossa juventude, a qual já é numerosa. Lá os novos que chegam são acolhidos com uma santa alegria; cada um deles, recebe na sua chegada o abraço fraterno de todos; alguns são designados para informar-lhes das regras da casa e o fazem de bom coração, de modo que o novo que chegou possa sentir-se rapidamente em família. Todos vivem como irmãos… essa paz que reina na casa é tão admirável já que esses jovens são de condições de vida e de nacionalidades muito diversas, e porque a obra admite a todos de boa vontade… é conveniente que não se fale com desprezo da pátria ou da família dos outros, e que essa regra seja respeitada… também se um dos nossos jovens deva por razões graves afastar-se da casa, não veja a hora de reencontrar a alegria do seu lar religioso”.*

E graças aos esforços de todos e de cada um, essa união de corações do qual fala o venerável Jean Berthier se tornou realidade, isso que confirmam os numerosos testemunhos dos formandos mesmos. No mês de agosto de 1908, isso é dois meses antes da morte do Fundador, ele pode dizer com grande alegria: “A obra conta com *26 sacerdotes, 13 quase diáconos, 14 estudantes de teologia, 27 estudantes de filosofia, e 87 outros jovens aspirantes as missões. Ao todo são 167*”. Após a sua morte a congregação pôde enfrentar o futuro com certa serenidade.

Pe. Patrice Ralaivao MSF